

100
254
1000
100

BIBLIOTECA
COLÉGIO DE MEXICO



... movimento familiar cristão ...
... que é ...
... como se organiza ...
... que pretende ...

movimento familiar cristão

que é
como se organiza
que pretende

RESTAURAR
A FAMÍLIA
EM CRISTO

265.5
M935d



FOI em Montevideu, em 1950, que um padre passionista — Pedro RICHARDS — viu, com alguns casais, aos quais acabava de pregar um retiro, que era preciso surgir um movimento amplo e forte de recristianização da família.

Partia, pouco depois, para a Europa afim de participar das comemorações do Ano Santo, parando de volta, nos Estados Unidos.

Em França e na Bélgica, desde os primeiros anos deste século XX, vinham-se organizando associações de proteção às famílias numerosas, consultórios matrimoniais para orientação dos noivos e recém-casados. Sob o ângulo material despontava o renovar em tórno do casamento.

Um passo a mais seria dado, atingindo o aspecto espiritual, quando, em 1930, em Paris, casais amigos desde a juventude, companheiros de escotismo e movimentos de Ação Católica, sentindo a profundidade de seu amor e a falta de interesse pelos problemas inerentes à sua vocação, procuraram um sacerdote e partiram à descoberta das riquezas do Sacramento do Matrimônio. Encontraram na figura do Pe. Henri CAFFAREL, a figura do sacerdote que iria consagrar sua vida à elaboração da espiritualidade conjugal, criando e dirigindo, até hoje, as Equipes NOTRE DAME (Equipes de NOSSA SENHORA).

Após a Segunda Grande Guerra, a novidade alastrou-se de início pelo continente, alcançando em breve o Canadá e Estados Unidos.

Sentiram, em 1943, casais norte-americanos, que seriam mais eficazes seus trabalhos apostólicos, se realizados a dois — por marido e mulher conjuntamente. Iniciaram então um movimento na base de casais, enraizado no espírito comunitário paroquial — era o CHRISTIAN FAMILY MOVEMENT — CFM —. Partiam das coisas corriqueiras, das dificuldades de sua vida matrimonial para enriquecê-la, graças ao Evangelho.

Quando o Pe. Richards chegou à Europa e América do Norte preocupado com os problemas familiares, pôde verificar que muita coisa de bom já se fazia nesse sentido, pelo mundo afora.

De volta ao Uruguai, viu a possibilidade de reunindo essas duas tendências — de um lado o



RESTAURAR A FAMÍLIA EM CRISTO

O MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO:

O QUE É

O QUE BUSCA

O QUE FAZ



EL COLEGIO DE MEXICO

265.5/M935d



3 905 0139862 0

SECRETARIADO NACIONAL DO M.F.C.
RUA G.AL VENÂNCIO FLÔRES, 100 / APT.º 103
TELEFONE 47-6510 — RIO DE JANEIRO (GB)

155291

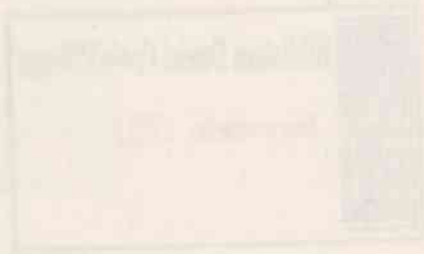
RESTAURANT & FAMILY INN GROUP

RESTAURANT & FAMILY INN GROUP

OF

RESTAURANT & FAMILY INN GROUP

RESTAURANT & FAMILY INN GROUP



UMA PALAVRA DE APRESENTAÇÃO

E uma imensa alegria para a equipe central nacional do MFC oferecer a tantos casais do Movimento espalhados pelo Brasil, êste folheto. Dirige-se a todos os que tantas vêzes nos pediram um manual do MFC para facilitar-lhes o trabalho de criação e condução de seus grupos de casais.

Mas será mesmo um manual do MFC?

Não, certamente, no sentido de um regulamento. Não desejamos mesmo que o Movimento venha a ter um regulamento rígido, eivado de cláusulas frias, de parágrafos e itens jurídicos como os das sociedades anônimas. O que rege o MFC tem que ser cada vez mais sua mística (espiritualidade e apostolado) e as prementes necessidades da Família de nosso tempo. Aqui pusemos um pouco desta mística.

Não, ainda, no sentido de teoria abstrata sôbre o MFC ideal. Julgamos que melhor seria extrair a teoria da prática. E aqui registramos o que nestes cinco ou seis anos de vida e ação no Brasil o Movimento descobriu ser essencial à sua fecundidade apostólica e ao serviço que êle quer devotadamente prestar à Igreja.

Será um manual, no entanto, na medida em que cada casal do MFC encontrar nestas páginas uma orientação profunda para viver seu matrimônio integralmente e, mais ainda, irradiá-lo apostolicamente. Não podíamos dar aqui senão uma introdução à tão necessária espiritualidade matrimonial — um esbôço apenas, quem sabe. Para muito breve ousamos prometer o desenvolvimento dêste esbôço. Insistimos mais desta vez no aspecto missionário, essencial ao Movimento.

Era preciso todavia fornecer algumas bases técnicas relativas ao MFC enquanto organismo de apostolado agindo na Igreja. Procuramos fazê-lo num anexo em que alinhmos as considerações mais importantes.

Entregamos pois a brochura às mãos dos atuais e futuros membros do MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO do Brasil. Com êles estamos realizando aqui, em moldes nossos, com fidelidade e originalidade, esta imprescindível experiência de apostolado familiar. O que desejamos é que tantas palavras

escritas se tornem, entre suas mãos, vida vivida. Que este livrinho seja um roteiro, não uma bitola — um farol, não um freio. Que façam mais e melhor ainda do que aqui entremostramos. E que dêem à Igreja e ao mundo os casais santos e os casais apóstolos (não *apesar do* mas *graças ao* casamento) de que o mundo e a Igreja sentem falta. O que desejamos ainda é que o folheto contribua a dar ao MFC no Brasil, apesar das distâncias e das diferenças de nossa regiões, a bela unidade — que não quer dizer uniformidade — que é condição de eficácia missionária: unidade de concepção do Movimento, unidade de intenções apostólicas, unidade no equacionamento dos graves problemas familiares e nas soluções apontadas, unidade de pensamento, de sentimento e de ação.

FREI LUCAS MOREIRA NEVES, O. P.

vice-assistente nacional do M.F.C.

INTRODUÇÃO

UMA FAMÍLIA MAIS FELIZ PARA UM MUNDO MELHOR

agonia da família

FAZ muito tempo que as pesquisas dos sociólogos, observações dos políticos, análises dos economistas vêm denunciando uma grave crise da família. Não por certo a Família com F grande, a Família em seu ideal abstrato — esta é inatingível. Mas a família concreta, em sua realização existencial, aqui e agora. A família cristã sofre assaltos brutais de várias forças contraditórias. Algumas externas, outras — e, quem sabe, mais dissolventes — internas. Os totalitarismos, de esquerda, o comunismo mais particularmente, são um assalto contra a família: eles percebem que a família cristã constitui uma força contra a dominação do materialismo, contra a impregnação do ateísmo — e investem contra ela, procuram dinamitá-la transferindo para o Estado, um Estado absolutista e dominador, as tarefas que a ela primordialmente pertenciam. Do outro lado o espírito liberal e burguês, a mentalidade capitalista, gananciosa e gozadora, o estado de alma individualista gerado pela civilização chamada *ocidental e cristã* — na verdade porém tão pouco evangélica —, a fome de lucro e sede de prazer que são igualmente uma forma de materialismo ateu: tudo isto dinamita a família. Os problemas de habitação são uma arremetida contra a família, como os de salários. O sério problema de superpovoamento de certas regiões, aquilo que se convencionou chamar a *explosão demográfica*, e que determina outros tantos problemas de alimentação, educação, emprêgo etc., tudo são desafios à existência da família cristã, problemas para os conceitos cristãos fundamentais da família. Ela está posta em cheque. Vê-se de súbito na encruzilhada. Entra em agonia /agonia, no sentido etimológico de *luta difícil*. *Difícil e decisiva*.

TAMBÉM os Papas o dizem, de algum tempo para cá — e o fato cresce de gravidade. Pio XI o diz: a “*Casti Connubii*” foi, há 30 anos, um brado de alarme. Pio XII o diz, ele que tanto cuidou da família e declarou que “se tivesse mais vinte e cinco anos de pontificado, consagrá-los-ia todos ao cuidado da família”. Ele o dizia em fins de 1950, na alocução do dia do dogma da Assunção: “O casamento e a família encontram-se

em tão deploráveis condições, que incerta é a esperança de que venham a triunfar”. Alguns anos antes, falando aos membros da Semana Social de Pisa, êle afirmara, em termos parecidos, que “neste mundo doente do após-guerra, a mais doente é a família”. Já em muitos de seus pronunciamentos o Papa atual voltou a êste assunto, e revelou esta mesma inquietante visão da crise da família.

Grave crise, perigosa crise por ser a de uma instituição humana fundamental. Tanto mais perigosa e grave porque a família foi elevada a sacramento. Assim, delicado é o funcionamento dêste organismo familiar. Por isso mesmo amplas e imprevisíveis são as repercussões de qualquer desajuste sôbre tal organismo. Ora, êste desajuste é multiforme e de assustadora extensão.

a família e o mundo novo

ESTA agonia da família toma aspectos ainda mais graves neste momento em que mais claramente se anuncia o advento de um mundo novo, que todos nós desejamos seja um mundo melhor. Êste mundo novo será com certeza o fruto de uma revolução, a mais gigantesca revolução de estruturas de tôda a história, revolução que deverá ser cristã para não ser a-cristã ou anti-cristã. Do desfêcho da crise da família em geral, da família cristã em particular, dependerá em grande parte o significado desta revolução — e o sentido do mundo novo. Não são palavras no ar. É um programa.

A família cristã grita por socorro. Precisa de redenção e procura quem a ajude. *Uma família mais feliz*, que será um elemento, dos mais relevantes, para a preparação de um mundo melhor: êste é, mais que o slogan, a linha de ação do Movimento Familiar Cristão. Assim, à indagação inquietada da Igreja o MFC pretende responder, procurando produzir, em número cada vez maior, estas famílias verdadeiramente felizes. Para isto êle nasceu: para fornecer à Igreja famílias bem dispostas e bem treinadas para a renovação de civilização que se está operando. Para que esta renovação se faça na linha da Igreja, as famílias cristãs é que terão de dar os artesãos e construtores desta obra gigantesca.

que vê a Igreja no MFC

A Igreja olha porisso, com enorme confiança, para os movimentos familiares que, sobretudo a partir do comêço dêste século, começaram a surgir em diferentes países, com diferentes estilos de ação — mas sob a mesma inspiração, de salvar a família. Nestes movimentos a Igreja vê a esperança de uma renovação, dentro dos novos quadros, dos antigos valores da família. Esperança de que, resistindo aos sucessivos impactos que vem sofrendo nos mais variados planos — social, político, econômico, pedagógico — e que pareciam pôr um risco sua sobrevivência como família e como cristã, a família se integre na reconstrução do mundo, que é a grande preocupação de hoje.

A Igreja encara com particular interêsse os movimentos familiares que procuram reunir as famílias em equipes. E que fazem destas equipes núcleos ativos de influência sôbre as outras famílias. Núcleos empenhados em supri-

mir todos os obstáculos à existência da família. E em criar, por todos os modos, o ambiente próprio para a expansão da instituição familiar. Em alocução de 1951 Pio XII exprime seu pensamento sobre estes grupos de casais: "É surpreendente, ao que fomos informado, quantas conversões já se obtiveram neste círculos (de casais). Com toda a alma louvamos este trabalho apostólico e vos exortamos a mostrar simpatia para com êle, a amá-lo, e sobretudo deixá-lo desenvolver-se livremente, quer estes grupos permaneçam dentro dos limites da Paróquia, quer se estendam fora dela. Em todos os casos é um apostolado de leigos, e do melhor". (aos pregadores de Quaresma).

O Movimento Familiar Cristão enquadra-se exatamente dentro deste estilo de trabalho descrito pelo Papa e tão bem aceito pela Igreja. Por isto mesmo em todos os países da América onde vem trabalhando tem recebido decidido apoio da Hierarquia. Por seu turno o MFC procura invariavelmente articular seu trabalho com as grandes preocupações da Hierarquia em vista de uma pastoral, não isolada, mas conjunta.

No Brasil, repetidamente, o Episcopado tem encorajado seu trabalho. Êle descobre no MFC um instrumento de ação para salvar a família pela família. Êle encarece a parte importante que o MFC tem, sob este aspecto, na "consecratio mundi". Eis porque em resolução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil êle "aprova o MFC em âmbito nacional ressaltando sua característica de apostolado organizado de casais, que visa a intensificação da vida cristã na família e a conquista dos meios familiares, especialmente dos esposos que estejam fora da vivência dos princípios cristãos" (resolução da CNBB, julho de 1958).

1.

OS OBJETIVOS

«NEM ESPIRITUALIDADE MATRIMONIAL
SEM APOSTOLADO FAMILIAR,
NEM APOSTOLADO FAMILIAR
SEM ESPIRITUALIDADE MATRIMONIAL».

ASSIM pois, a finalidade do MFC é a restauração cristã da família. Para esta restauração porém êle quer, não multiplicar obras ou livros, mas antes de tudo formar apóstolos. Ora, segundo a fórmula-chave de Pio XI para a Ação Católica, assim como o apóstolo ideal dos operários é o operário, e o dos estudantes é o estudante — assim o apóstolo ideal das famílias é a própria família. Procura-se uma definição essencial e adequada para o MFC? Acreditamos que nenhuma é melhor do que esta: *uma escola prática de família missionárias aguerridas para a re-cristianização da família.*

primeiro: o apostolado familiar...

OMFC é pois, por definição, não associação de piedade, nem mera escola de espiritualidade, mas movimento de apostolado, e apostolado leigo. Seus objetivos são objetivos apostólicos. E, numa época em que uma inveterada deformação dos cristãos os afasta da preocupação apostólica, em que os cristãos em geral dão maior importância à auto-proteção espiritual que à atitude do bom samaritano, de salvação de tantos outros, nunca se insistirá demais sobre estes objetivos. Tudo no MFC deve trazer a inconfundível marca do espírito missionário.

formas de um apostolado

O apóstolo da família terá de conhecer, antes de mais nada, que males principalmente afligem a instituição familiar. De que padece? de que morre a família? Que é que a impede de ser autenticamente cristã? Só na medida em que diagnosticar estes males, êle poderá fazer um apostolado realista e eficaz.

Ora, antes de qualquer outra consideração, não será difícil ver que em dois vastos campos se distribui necessariamente o trabalho apostólico sobre a família:

1. Há primeiro um campo externo: o das estruturas. A família concreta não paira no céu claro dos conceitos puros — vive no mundo real. E, neste mundo,

sente o pêso de muitas estruturas, pesadas estruturas que a condicionam. Estruturas legais e jurídicas : leis que regem o casamento e a educação. Estruturas econômicas : o salário que ganha o pai, o trabalho que a mãe se vê na obrigação de assumir, fora de casa e com sacrifício da casa, para ajudar o orçamento doméstico. Sem falar nos problemas de moradia. E nos de alimentação. São extremamente graves, estas questões de estruturas. Senão em si mesmas, pelo menos por causa das profundas repercussões que vão ter sôbre a vida familiar. Das leis familiares depende em grande parte a estabilidade do lar, o tipo de educação que os filhos vão receber. O salário insuficiente impelirá muitas vêzes casais de formação cristã a usar processos nada cristãos de limitação da prole. E a moradia mal adaptada será quase sempre fator de uma tremenda promiscuidade, muito pouco educativa, para dizer o menos. Tanto é verdade que os quadros externos podem ter influência marcante, direta ou indireta, sôbre o comportamento ético de um homem ou uma sociedade. Não é bom, não é prudente ignorar ou menosprezar êstes problemas de estrutura. Nem por serem extrínsecos.

2. Mas para além dêstes, há outros — mais íntimos, e, não sei se diga : mais graves e mais relevantes — os de mentalidade. Como estão as concepções relativas à família ? que idéias andam por aí em matéria de matrimônio ? de filhos ? de educação ? Decerto não são cristãs. Quem passar em revista cada um dos conceitos que formam a mentalidade cristã neste domínio — os fins do casamento e seu sentido fundamental, seus valores positivos : indissolubilidade, fidelidade etc., as bases da família tais como a autoridade paterna fundada no amor e na confiança, e a obediência dócil e respeitosa dos filhos — verá que quase tudo está subvertido quando não destruído. O espírito materialista do marxismo profana a instituição familiar, decependo-lhe as dimensões espirituais, mutilando-a. O espírito capitalista-burguês, por seu lado, tira-lhe sua base verdadeira de amor generosidade, dom-de-si e renúncia para alicerçá-la (frágeis alicerces !) sôbre o lucro, eventualmente — em todo caso, sôbre o prazer. É assim que se estende uma mentalidade não-cristã que recobre tudo quanto diz respeito à família. E ela, se no campo das estruturas é assassinada, neste, da mentalidade, se suicida.

Aí temos, sugeridos, os dois polos essenciais de um apostolado familiar integral. Terá que ser apostolado sôbre as estruturas tanto quanto sôbre as mentalidades, para torná-las ambas mais cristãs. Qualquer que seja a opinião que se tenha sôbre a antinomia *humanizar x evangelizar* (e parece claro, hoje, que a antinomia não se resolve pela supressão de um dos termos, nem mesmo pelo primado de um sôbre o outro, mas pelo entrosamento harmonioso de ambos) é evidente que um apostolado sem o outro será incompleto. Nem poderá o MFC deixar a outro movimento a preocupação em sanear as instituições referentes à família, sob pretexto de que a êle lhe cabe apenas modificar conceitos e espíritos. De maneira diversa mas com igual empenho o Movimento terá de procurar criar mentalidades certas e estruturas certas. A verdade é que estas, se não geram, ao menos permitem vigorarem aquelas. Claro que o MFC não vai se especializar em pesquisas sociais ou reformas institucionais. Outras coisa será que êle procure, para devolver à famí-

lia seus perdidos valores cristãos, fazer quanto possa para dar-lhe, por igual, condições e valores humanos. Em lugar dos infra-humanos.

uma mística missionária

Faz parte, pois, do espírito do MFC um ideal apostólico. Digamos, se preferimos palavras mais candentes : uma mística missionária.

Uma mística ! Quer dizer, muito mais que a constatação dolorida de uma realidade desagradável, uma serena angústia diante “disto que está aí” e uma determinação inquebrantável de tudo fazer “para que isto mude”. Neste caso concreto, mística será a vontade — e não a veleidade ! — de se empenhar a fundo naquilo que já chamamos várias vezes : a restauração cristã da família.

Missionária. Quer dizer preocupada em buscar o essencial e não em ostentar o accidental, ainda que seja bonito e lustroso. Missionária. Quer dizer, convicta de que não é só além-mar que é preciso anunciar Jesus, mas aqui, em nossa rua, em nossa cidade — pois cada palmo de terra transformou-se em território de missão, cada setor de vida humana se impregnou de paganismo. Tudo no MFC (não será demais repetir) deverá levar a tal mística. Pois esta mística é que fará viver e agir o MFC. Fora disto será talvez uma devota “associação da Sagrada Família”, ou um “círculo de estudos matrimoniais” e palestras sobre os dramas familiares. Não será a escola de apóstolos familiares. E só isto a Igreja espera do Movimento. Isto e não outra coisa.

... e o segundo é semelhante ao primeiro : a espiritualidade !

MAS para ser genuíno, o apostolado familiar exige do apóstolo uma intensa vivência da realidade familiar. Vivência, especialmente, cristã. Por outro lado, o melhor apostolado do MFC — ou, mais exatamente, a síntese de tal apostolado — vai consistir afinal, em inculcar em tôdas as famílias esta vivência plena de seu martimônio. Pois êste é, em última análise, o drama da família cristã : que as famílias não vivem o sacramento que as faz famílias. Êste o verdadeiro problema.

A escola de missionários familiares, como temos chamado o MFC, deve ser igualmente escola de espiritualidade matrimonial. Também esta é uma finalidade do Movimento : elaborar cada vez melhor, instilar em seus próprios membros, e por êles implantar nas famílias cristãs uma lídima espiritualidade matrimonial. Seria ocioso perguntar qual dos dois é primordial : apostolado ou espiritualidade. Não há uma primazia cronológica : os dois se fazem paralelos, lado a lado. Não há também uma primazia teológica. Sem espiritualidade matrimonial o apostolado familiar se esvaziaria, e bem depressa, deteriorado, descambaria para uma atividade meramente humana. Sem o apostolado, é bem possível que a espiritualidade conjugal perdesse seu conteúdo — perderia, em todo caso, uma dimensão essencial. Cremos que o MFC nasceu para o apostolado da família para a família, mas um apostolado que seja extravazamento de uma plenitude de espiritualidade

matrimonial. Um e outro se entrosam : ninguém separe aquilo que Deus uniu. O que importa é que um intenso apostolado brote de intensa espiritualidade.

as riquezas do sacramento

A alma desta espiritualidade — se é que ela é matrimonial ! — há-de ser naturalmente o sacramento do matrimônio com suas riquezas singularíssimas. Muitos são os cristãos casados que quase se esquecem de que receberam um sacramento que lhes é próprio — ou vivem sem explorar, sem exgotar as imensas riquezas que êle esconde. “Basta-me viver meu batismo”, diriam êles se dissessem alguma coisa. E decerto o batismo é um maravilhoso sacramento. E decerto é preciso viver a graça batismal. Entretanto — e o Padre RICHARDS não se cansa de repeti-lo — triste sacerdote o que sob pretexto de que vive o batismo, não procurasse viver em plenitude a graça específica de seu sacerdócio, seu sacramento especial : graça de pastoreio espiritual, de doutrina, de distribuição da santidade... Triste também o cristão casado que não vivesse plenamente a graça própria de seu casamento, que veio nele coroar a graça germinal do batismo !

Viver a graça do matrimônio. Será, antes de tudo, levar até às últimas conseqüências o ensinamento de São Paulo : os esposos, o amor que os une, sua intimidade física e espiritual, tudo são sinais sensíveis do invisível amor de Cristo à Humanidade. Por isso o matrimônio é sacramento : porque é símbolo dêste amor invisível. Viver a graça do matrimônio será também, por conseguinte, descobrir à luz da fé, que o lar cristão é uma pequena Igreja — *ecclesiola*, como a chamava graciosamente o Crisóstomo — miniatura do Corpo Místico. Nele o espôso é Cristo, do qual parte todo influxo como da cabeça para o corpo. A espôsa é a Igreja, pura, fiel, amorosa e fecunda como a Mãe Igreja.

Estas coisas que, ditas assim, parecem abstração e teoria, podem ser transformadas em carne e sangue, vividas concretamente — e serão uma forma de santidade.

o casamento, estrada de santidade

Na verdade só por isso o casamento já teria que ser uma estrada real para a santidade. Estrada e não obstáculo ou armadilha... Senão, experimente cada espôso, cada espôsa levar a sério, com alegria, estas idéias:... somos um símbolo do amor de Cristo, a reprodução da fecundidade da Igreja, miniatura do Reino de Deus na terra.

Pouco a pouco porém, vai-se descobrindo, que além disso (e através disso) há no casamento, na vida conjugal e familiar, uma forma nova e peculiar de viver em plenitude a união com Deus em Cristo, e por conseguinte a vida de oração (que não é a mesma forma dos sacerdotes e muito menos a dos monges) — uma forma específica de praticar as virtudes teologais, e, sob a irradiação delas, as virtudes morais, enlaçadas tôdas e animadas pelos dons do Espírito-Santo — uma forma de pôr em prática a Lei de amor que é o Evangelho, e muito particularmente o sermão da montanha, e o espírito das bem-aventuranças — uma forma típica de exercer o apostolado — de viver a vida sacramental, polarizada pelo sacramento do matrimônio.

Ora, é bem isto, é precisamente isto, a espiritualidade matrimonial — esta forma nova e peculiar de viver a vida cristã no quadro dos deveres conjugais (entendendo esta expressão *deveres conjugais* em seu sentido mais positivo e dinâmico) e sob o influxo particular das graças sacramentais do casamento. Nesta linha, o MFC tem em vista conduzir os casais que nele se integram, nada menos que à perfeição. À perfeição cristã e evangélica.

Até há bem pouco tempo faltou coragem de exigir dos cristãos casados esta perfeição em sua vida familiar. Reinou um surdo preconceito que ela era quase impossível no matrimônio — apenas acessível aos heróis da vida religiosa ou do celibato. A imensa maioria dos casais se contentava com uma plácida mediocridade em sua espiritualidade. Com o consôlo de pensar que mais do que isto... “é muito bonito mas não é para nós!” O MFC existe para preconizar esta perfeição. Na medida em que o casal dá o melhor de si — dá-se a si mesmo — ao Movimento, nesta mesma medida pode exigir d’ele que êle seja um trampolim para aquela perfeição evangélica de que falamos. Não terão que buscar, fora d’ele, a plena expansão espiritual.

Cabe ao sacerdote assistente, aos casais dirigentes, grande responsabilidade em fazer que, desde que penetrem no Movimento, os casais tendam cada vez mais ao absoluto de sua vida cristã pelos caminhos do matrimônio. Da vida de família.

Isto, só isto, tudo isto são os objetivos do MFC.

um apóstolo não se improvisa : forma-se

OBJETIVOS como êstes — apostolado familiar, espiritualidade matrimonial — exigem séria e sólida formação dos casais. Nada disto é possível improvisar-se. Menos ainda se improvisam os casais missionários que vão consagrar sua vida à tremenda tarefa da redenção da família. O Movimento não pode por isso mesmo deixar de ser profundamente formativo, se quer ter eficácia e força de ação. E quanto mais específica é a atividade apostólica que êle pretende realizar — a restauração cristã da família — tanto menos deve o MEC contar com a eventual (mas tão problemática e, em todos os casos, tão precária) formação anterior — e tanto mais de aparelhar-se para transmitir a seus membros uma formação à altura do que será exigido dêles. Não pensar nisso é votar o Movimento a um fracasso inútil e prejudicial a êle próprio e à Igreja. É, mais grave ainda, tentar a Deus.

que formação é exigida ?

TRÊS tipos de formação terão que ser dados, a nosso ver, no MFC. Três tipos que se completam. Que serão dados por vêzes paralelamente, sempre porém, harmônicos e bem entrosados :

Primeiro, uma *formação cristã geral*. Num país como o nosso, de pouca formação religiosa de base, êste primeiro tipo é de extrema importância. Trata-se de verdadeira catequese através da qual se possam transmitir as grandes linhas de uma teologia integral. E não uma teologia simplesmente moralizante, nem mesmo desencarnadamente dogmática, mas uma doutrina entranhada na vida, feita vida. E conduzindo, portanto, à vida. Três aspectos entre muitos outros deverão balizar esta catequese :

a Bíblia, isto é a revelação de Deus, da História da Salvação, de Cristo e da Igreja, tal como nos é entregue nas páginas do Livro. Apesar da importância da Bíblia na renovação cristã dêstes últimos anos, são

ainda poucos os casais que terão contacto direto e bastante estreito com a Palavra de Deus. Conhecem a Bíblia talvez, mas dessorada, desmusculada por toda uma série mal identificável de entrepostos. O MFC deverá procurar levá-los a uma educação bíblica dia a dia mais significativa e portanto mais influente em sua vida de cristãos. Deve ser um cuidado do Movimento fazer que seus membros não se detenham na crosta da mensagem evangélica — na superfície de suas exigências e de seus valores. Aprofundar. Cada vez mais aprofundar. Explorar a mina. Exgotar a fonte. O melhor, a substância, da espiritualidade vem daí.

a Liturgia da Igreja. Através dos sacramentos é que se realiza grande parte do dinamismo santificador da Igreja enquanto Corpo Místico. Pouco a pouco é preciso introduzir os casais no mundo misterioso e fecundo dos sacramentos: batismo, penitência, eucaristia — matrimônio, sobretudo. Mas nem só os sacramentos compõem a Liturgia. Ela é também a oração cultural da Igreja. Isto também os casais lucrarão em aprender: rezar com a Igreja. Com as palavras da Igreja. Com os sentimentos e intenções da Igreja. Segundo as grandes estações da vida sobrenatural do Reino de Deus. Tanto se tem escrito, hoje, sobre a oração no lar: as famílias cristãs não devem descuidar, em suas orações, de comemorar, à sua maneira, as grandes festas, os grandes períodos do ano litúrgico.

os documentos pontifícios, que encerram uma parte ao menos do magistério da Igreja e formam assim a permanente atualização de seu ensino. Graças a eles o cristão se orienta dia a dia para não falhar em sua preocupação de “sentir com a Igreja” e de confrontar os acontecimentos com a Fé, a História com Deus.

O segundo tipo de formação concerne diretamente os *problemas familiares*. A um casal cristão engajado de cheio no apostolado familiar, nada do que diz respeito à vida da família lhe pode ser absolutamente estranho. O MFC não tem pois direito a se despreocupar de dar a seus membros todos esta formação relativa às questões familiares. Claro está que o MFC não se vai transformar em um “centro de pesquisas sobre família” ou “instituto de problemas familiares”. Outra coisa será — e esta é de importância, é mesmo indispensável — que ele utilize todos os meios a seu alcance para suscitar nos casais uma profunda sensibilização para tudo quanto, direta ou indiretamente, toque à família. Assim é que problemas de demografia e migração terão, quem sabe, de ser integrados nesta formação. Problemas de psicologia e de educação, certamente. Problemas de alojamento. De casamento civil e desquite. De legislação sobre família: salário-família, abono, etc. O que, mais que tudo importa, é motivar, estimular a formação do casal mediante uma contínua incidência dos problemas mais percucientes para o MFC, que são os inúmeros problemas familiares. Aqui a formação se torna apostólica: na medida em que ela decorre de uma visão objetiva do trabalho que reclamará nossa formação.

Um terceiro tipo de formação se espera do Movimento: a que concerne à teoria e à prática do próprio MFC quanto à sua estrutura religiosa e sua

ação missionária. Quer dizer : que técnica adota o Movimento ? que mística o anima e impulsiona ?

O MFC já existe. Com um cabedal de experiências. Com um acêrvo de obras realizadas. Existe. Não está para ser inventado, mas para ser realizado, aperfeiçoado se fôr o caso, adaptado quando necessário. Tem seu estilo de trabalho, sua maneira de ser apostólico. Por tudo isto é que êle se diferencia de tantos outros movimentos não expressamente familiares, dentro da Igreja. Se diferencia também dos outros movimentos familiares. Mudar estas características do MFC, será desvirtuá-lo — e empobrecer, fraudar a Igreja que mostra sua fecundidade e multiplica sua energia na ação precisamente pela variedade, cuidadosamente conservada, de suas instituições. Ora, a pior maneira de descaracterizar o MFC será a daqueles que o mudam porque não sabem a fundo o que êle é, quê pretende, como age. É pois indispensável que dentro do Movimento os casais o aprendam : seus métodos, suas finalidades, seu terreno de ação. Esta formação, digamos : técnica, vem completar a preparação geral dos elementos do MFC.

bases desta formação : duas leis

TÔDA esta formação, que leva tempo a se fazer, far-se-á sob uma dupla condição que nunca frisaremos demais. Primeiro, que ela não seja *comunicada* de fora para dentro mas *tirada* do interior, do que o casal tem de melhor em si : se já para a criança é assim, muito mais quando se trata de educação de adultos — pois é de uma verdadeira educação, educação para o apostolado, que se trata. Segundo, que não seja de modo algum formação livresca e desencarnada, irreal e teórica. Que ela surja, ao contrário, do contacto palpitante e vivo com a realidade. A Ação Católica consagrou uma fórmula que se aplica com rara felicidade aqui : “Formação *na* ação e *pela* ação”. Não se dispensam (é bem óbvio) os conhecimentos teóricos, os princípios para a ação, o ensinamento dos livros. Não seja isto, porém, o principal, mas o aprendizado que se colhe na atuação prática, no corpo-a-corpo direto com os problemas reais. O MFC nunca forma melhor seus apóstolos do que quando, de uma maneira ou de outra, os atira bem dentro das autênticas questões familiares. Aliás assim é que a formação guardará sua intenção apostólica. Assim evitará cair na mera colheita de fatos, na observação incosequente — ou, quando muito, num aprimoramento pessoal sem repercussão sobre o próximo.

instrumentos de formação no MFC

ASSIM introduzidos, podemos sintetizar em três os meios de formação de que dispõe o Movimento. São de natureza desigual : é difícil hierarquizá-los segundo seu valor. Sua aplicação vai também variar de acôrdo com os elementos humanos de que o MFC dispuser aqui ou ali. São, no entanto essenciais, e, como vamos ver, característicos do Movimento.

1. As reuniões matrimoniais

MOVIMENTO de famílias para a família, é nas reuniões dos casais, juntos marido e mulher, no ambiente não de uma Igreja ou de um salão, mas no de um lar — seu lar — que o MFC encontra o melhor instrumento de formação. Pode, sim, acrescentar outros — não pode, sem trair-se e portanto sem anular-se, eliminar este. Dois são os tipos de reuniões familiares que adotamos. Para reconhecê-los demos a cada um, um nome, ligado, no evangelho, a uma situação de família: *Grupos de Caná*, evoca a passagem do Senhor, rápida mas marcante, por uma festa de casamento — *Equipes de Nazaré*, recorda a vida familiar, modelo da existência de qualquer família cristã, do próprio Filho de Deus.

Esta divisão não é arbitrária nem puramente extrínseca. Decorre da dinâmica do MFC, corresponde a uma evolução natural dos casais dentro do Movimento, evolução essencial ao funcionamento do MFC, muito importante para seu estilo de ação missionária. Que recobrem exatamente estas designações?

GRUPOS DE CANÁ

que são?

DENTRO do esquema do MFC os Grupos de Caná revestem três aspectos diferentes:

- muitos casais que o freqüentam aí estão apenas porque desejam junto a outros, em círculos matrimoniais, trocar idéias sobre problemas da família em geral — de sua família em particular. Talvez nem sejam católicos. Serão na maioria, com certeza, católicos puramente estatísticos, com pouca doutrina e nenhuma prática religiosa. Foram porém despertados para estes problemas do matrimônio e da família e muito podem trazer, de suas experiências positivas ou negativas, para as reuniões. É possível que progridam pouco e lentamente na vida cristã. É certo porém que participando, muitas vezes com enorme entusiasmo, a estas reuniões mensais, lucrem muito para a vivência de sua vida conjugal, para a educação dos filhos, para a abertura familiar, etc.
- outros casais, de maior formação, vindos, quem sabe, da Ação Católica, encontram nos GC⁽¹⁾, desde o princípio — encontrarão cada vez mais — um campo de apostolado. Através do diálogo franco e cordial, através do espírito de caridade, eles terão benéfica influência sobre os primeiros casais. Terão muito que aprender também, é claro. Inclusive daqueles sobre os quais influem religiosamente, aprenderão possivelmente no terreno do científico ou do familiar. Há muito essas trocas. Em todo caso os GC estarão sendo para eles um campo de missão, de evangelização.

(1) Estas iniciais designarão daqui por diante os Grupos de Caná.

- vários casais enfim, saídos quer do primeiro, quer do segundo grupo vão ter nos GC uma etapa inicial, uma sorte de noviciado que os prepara para um fecundo apostolado familiar. O esquema de trabalho de todo GC deve levar em consideração esta necessidade: que o grupo seja um aprendizado completo para futuros missionários da família além de ser um círculo matrimonial para reflexão sobre os problemas do casamento. Nem todos os casais sairão apóstolos, está entendido. Mas que saiam muitos, o máximo possível.

Há nos GC assim entendidos (notaram, com certeza) uma antinomia interna — e digo bem antinomia e não contradição — que longe de ser embaraço é uma enorme riqueza. Constituídos de casais que têm tudo para serem amanhã admiráveis apóstolos, cristãos consagrados, graças ao sacramento do matrimônio, ao serviço de Cristo e da Igreja, e de outros que precisam de amparo e muita ajuda para viverem menos mal sua vocação matrimonial, os GC ficam sendo, a um tempo, um seminário de futuros missionários da família, um campo de apostolado para muitos casais que o integram, e um meio cristão, um ambiente evangélico onde muitos encontrarão estímulo para levarem avante seu casamento. Falamos de formação na ação: muitos casais acharão uma ação formadora justamente sobre os casais que com eles formam os GC.

Não se deve perder de vista que bem diferente é um Caná quando se inicia — precário, titubeante, laborioso, sacudido pela repercussão nele dos problemas que lhe traz a maioria dos casais, — e o mesmo GC alguns meses depois — amadurecido, mais impregnado de evangelho, mais ardente para a ação. A maneira de proceder do responsável pelo grupo será diversa nos dois casos. O papel que o grupo desempenha, também diverso. Se no começo, e, quem sabe, por muito tempo, o GC fôr apenas uma atmosfera familiar onde a maioria dos casais venha somente retemperar-se ao contacto de testemunhos admiráveis, dados pelos outros, de família cristã — venha buscar entusiasmo e defesa — este grupo não está falhando. Para outros casais, ainda que fôssem poucos, quem dera que fôssem muitos, ele será o aprendizado após o qual eles virão pertencer às Equipes de Nazaré.

como se recrutam os casais ?

VARIA muito a maneira como nascem os GC. A iniciativa, às vezes, é de um sacerdote que, preocupado com problemas matrimoniais de amigos seus, reúne-os com outros casais para encontrarem uma solução. Outra vez é de leigos: antigos colegas, companheiros de profissão, que procuram formar um círculo, com suas esposas, para estas reuniões mensais. Pode ser também o resultado de um encontro de caná: casais que, ao fim das reuniões, deram seu nome para um grupo.

A experiência tem mostrado que nos convites iniciais aos casais uma série de precauções devem ser tomadas. Lembremos aqui algumas:

evitar exclusivismos: um grupo não deve ter assim uma maioria de pessoas da mesma família — ou casais empenhados todos num mesmo partido político — ou vindos da mesma associação religiosa. O que deve uní-los

afinal é a preocupação que todos vão adquirir cada vez mais, de construir “uma família mais feliz”.

por outro lado deve haver certa afinidade entre os casais. Sobretudo homogeneidade. Quanto à idade: são muito diferentes os problemas conjugais de um casal e de um casal maduro — misturá-los não tem dado resultado. Quanto à formação religiosa. Quanto ao nível de instrução. Etc.

ainda que não obrigatório, é no entanto conveniente que, nas grandes cidades, os casais de um GC residam no mesmo bairro, próximo uns dos outros. Isso terá várias vantagens: facilidade para as reuniões, comodidade para os contatos, possibilidade de realizar uma ação apostólica em conjunto, no quadro da vida paroquial.

não é preciso que sejam todos católicos praticantes. Nem mesmo que sejam católicos. Contanto que sejam pessoas abertas e leais, que não venham transformar as reuniões num proselitismo desagradável e indiscreto. Contanto ainda que tenham a vontade de receber e de dar alguma coisa nessa tarefa de salvar a família.

é bom que desde o começo os casais sejam informados, com simplicidade e clareza sobre o que é e o que pretende o Movimento: que não é uma associação ou ordem terceira a mais, mas um *movimento*, quer dizer: uma idéia em marcha para a recristianização da família e a construção de um mundo melhor — que temos em vista tornar a família mais feliz, não pela riqueza ou pelo prazer, mas pelo aperfeiçoamento das relações entre espôso, entre pais e filhos e entre a família e a sociedade — que nosso método inclui reuniões de casais (nunca um ou outro espôso separadamente), em casa das famílias, por grupos de seis a oito, não para aulas ou conferências mas para o diálogo, o debate, a troca de experiências. Os casais devem comprometer-se a comparecer assiduamente a estas reuniões que são vitais para o Movimento.

haverá um sacerdote ?

EM princípio não ! O ideal é que estes grupos se multipliquem cada vez mais — e não haveria nem nas grandes cidades um número suficiente de sacerdotes para assistir as reuniões. Muitos casais, aliás, não estariam psicologicamente dispostos para acolher, desde logo uma palavra sacerdotal. Além de tudo — e é o mais importante — o testemunho de leigos, de pais e mães de família, de casais, é nesta altura quicá mais sugestivo que a evangelização direta do padre. Assim, as reuniões dos GC estarão sob a direção de um casal de maior formação religiosa, de vida conjugal exemplar. Que seja naturalmente um casal simpático, aberto, aceito pelos outros, e dotado de certa capacidade de liderança. É claro que este casal procurará manter o máximo contato com um sacerdote. Se necessário e possível, até preparar com êle a reunião. Particularmente a parte religiosa da reunião (evangelho a liturgia) e as questões religiosas e morais porventura conexas com o tema a ser tratado. Haverá assim uma presença indireta e remota, eficaz e atuante todavia, do sacerdote.

Nem é preciso dizer que, numa cidade onde se inicia o MFC, os primeiros grupos podem contar com a assistência direta do padre. Aos poucos os sacerdotes passarão a se reservar para os grupos mais aperfeiçoados, já formados por vários meses ou anos no Movimento. E os membros destes grupos mais aperfeiçoados estarão já preparados para orientar os novos GC que forem surgindo.

quanto tempo dura o Grupo de Caná ?

NÃO há tempo fixo de duração. O que se espera é que certo número de casais do GC, amadurecidos para uma espiritualidade matrimonial profunda e para um apostolado familiar intenso, sintam a necessidade e tenham a capacidade de integrar equipes onde se exige muito mais dêies. Se todos os casais do grupo amadurecerem igualmente, todo o GC se transformará numa Equipe de Nazaré. Se não, alguns casais irão integrar Equipes de Nazaré, os outros seguirão no grupo, chamarão outros casais, continuarão — é possível — contando com a presença dos casais que, embora pertencendo a Nazaré, quiserem assistir às reuniões de seu antigo grupo. Há uma certa elasticidade nesta matéria.

Como desejamos que as reuniões de Caná sirvam para formar apóstolos, e como a formação para o apostolado demora um certo tempo, julgamos que um mínimo de um ano de reuniões de Caná é necessário. Só depois deste tempo sairão do grupo os primeiros integrantes de uma EN. O casal responsável pelo grupo estará atento ao amadurecimento dos casais e julgará de suas capacidades para irem freqüentar as reuniões das EN.

que programa seguem os GC ?

AS reuniões não são deixadas a uma livre improvisação : não seria muito produtivo. Preferimos enviar aos grupos um roteiro de trabalho. É um programa de âmbito nacional, elaborado para um ano de reuniões. Este programa põe em debate os três pontos principais da vida familiar — pontos sobre os quais gira toda a ação, formadora e apostólica, do MFC: as relações humanas entre os esposos, a educação dos filhos, a inserção da família na vida social. Nos grupos de Caná este três temas serão aflorados apenas, estudados ligeiramente. Mas tarde, nas EN, êles voltarão e serão analisados mais a fundo, sob uma luz nova e com todas as conotações que possam ter na vida do casal e da Igreja. É de todo importante que as reuniões incluam já um pouco de formação espiritual dos dois. A espiritualidade matrimonial que o MFC pretende suscitar no casal, e que é resultado de uma lenta maturação, é preciso que desde o início ela vá sendo, não diremos revelada ao casal, mas dinamicamente descoberta pelo casal através de tudo quanto vem à cena na reunião. Ora isto é menos questão de programa do que de atenção e sabedoria do casal responsável.

como decorrem as reuniões ?

E indispensável que as reuniões não se realizem na Igreja nem em salões. Até nisto têm que ser reuniões de famílias : que seu local natural seja o ambiente de uma família. Serão sempre feitas na casa dos casais, segundo um rodízio. O casal que recebe os outros terá que fazê-lo somente com amor e simpatia. Nada de luxo ou ostentação porque viria constranger os que não pudessem ter o mesmo luxo, e quebraria a simplicidade da reunião. No fim da reunião, se puder a dona da casa oferecerá algo : um cafèzinho ou um refrigerante. Evitem-se bebidas alcoólicas. Estas reuniões cordiais unirão os casais uns aos outros, mesmo se não se conheciam antes.

Deve haver por parte de todos o cuidado de se apagar (e não se exhibir), de colaborar (e não se esquivar ou, ao contrário, obstinar-se numa idéia pessoal) afim de que a reunião caminhe e dê frutos. Assim não haverá, normalmente, perigo de que as reuniões fiquem no plano meramente humano: graças ao programa, à contribuição de todos e à orientação do responsável, chegarão insensivelmente a um aperfeiçoamento da família e a uma valorização nela, de suas fontes de santificação.

Haverá normalmente três partes na reunião :

dez minutos de comentários de um trecho do evangelho. A preocupação aqui deve ser a de iluminar toda a reunião à luz dos ensinamentos básicos de Jesus : paternidade divina, amor fraterno, o espírito das bem-aventuranças, a simplicidade e a pequenês etc.

dez minutos de explicações sobre a Liturgia. Aqui serão explanadas as cerimônias da missa, do batismo etc. Explicações sobre os sacramentos e a doutrina geral da Igreja podem ser feitas. O que importa é que esta parte não se transforme num torneio teológico em que os casais alvejiam o casal responsável ou outro (o sacerdote, eventualmente) com suas "dúvidas", para ver como se sai. Mas que seja um aprendizado comum, um estímulo para estudarem todos melhor a questão, um ganho intelectual e espiritual para todos.

o resto do tempo será para o estudo do tema da noite, conclusões práticas, combinação de atividades do grupo, etc.

Além do casal-responsável geral do grupo, haverá cada noite um casal que relatará cada ponto da reunião e conduzirá os debates referentes àquela parte. Ele não absorverá a reunião, claro está. Apenas acenderá os debates, tirará as conclusões, tornará tudo o mais produtivo possível. Depende dele que todos participem, e, o que é mais importante, não percam a mística do Movimento. Este casal será obrigatoriamente, um em cada reunião. Por rodízio.

O responsável geral fica encarregado de convidar para as reuniões, distribuir material, registrar os casais, estabelecer ligações com os outros grupos da cidade etc. Este responsável muda obrigatoriamente cada ano. Todos os casais terão que ser responsáveis uma vez.

Nem é preciso encarecer a necessidade de muita pontualidade, muito entusiasmo, muita espontaneidade. Sublinhemos a necessidade do máximo possível de precisão teológica em toda a reunião : para isso os casais respon-

sáveis mantenham grande contato... com os livros e com um padre que os oriente de longe. Dizemos o máximo possível a leigos, não especializados em teologia. O medo de faltar a esta precisão não deve inibir ninguém. O importante é que aumentem sempre mais sua cultura religiosa.

Aqui vai a título de exemplo um esquema de reunião :

oração inicial (certos grupos julgarão que não é aconselhável nas primeiras reuniões. Pouco a pouco sentirão necessidade dela).

comentário do evangelho

explicação da liturgia

45 minutos de análise e debate do tema

conclusão geral pelo sacerdote, se estiver presente

avisos práticos, notícias do MFC etc.

cafézinho...

oração final (como a inicial)

EQUIPES DE NAZARÉ

que são dentro do Movimento ?

OS GC não realizam totalmente o ideal do MFC. São um ponto inicial etapa preparatória. Neles não se exige uma absoluta homogeneidade na formação cristã. Nem pode o Movimento, durante as reuniões de Caná, dar a seus membros toda a formação espiritual que reputa necessária. Por outro lado não consegue reclamar deles toda a doação, toda a capacidade apostólica de que a família e a Igreja precisam. Tudo isto vai encontrar sua plenitude numa etapa posterior do Movimento : as Equipes de Nazaré. Aí o MFC poderá apurar muito mais, com casais já preparados e postos num mesmo nível de formação, a espiritualidade matrimonial. Aí, mais adextrados por meses de reflexão e prática, os casais renderão muito mais em sua tarefa apostólica. E assim, sem precisar procurar fora, em outras associações, dentro mesmo do Movimento os casais encontrarão a mística a espiritualidade profunda da qual foram-se sentindo cada vez mais famintos à medida que penetravam, através dos GC, no conhecimento de seu sacramento e dos problemas da família. É pois isto, uma Equipe de Nazaré. A etapa final do MFC na linha da formação e na linha da ação, da espiritualidade e do apostolado. Não quer dizer que aqui cessa o aprendizado : afinal as EN, como os GC, continuam a ser uma escola. Já aqui, entretanto, os casais acham totalmente realizado aquilo que nos GC apenas entreviam. Resta-lhes dar-se ao máximo a este ideal proposto.

É supérfluo, depois desta definição, insistir sobre a obrigatoriedade das EN⁽¹⁾. O MFC não pode, sob pretexto algum, estacionar nos GC. Seria

(*) Por estas iniciais — EN — designaremos as Equipes de Nazaré.

parar na encosta — e arriscar-se a uma marcha-a-ré... Seria, o que é mais grave, deixar a impressão de que o Movimento nem exige nem dá tudo quanto, depois de certo tempo, os casais se julgam no dever de dar e no direito de exigir. Nem o comodismo, nem o medo, nem uma falsa modéstia justificam que aqui ou ali o Movimento se detenha enquanto não criou suas EN.

que casais pertencerão às EN

TRÊS critérios principais nos parecem (após uma reflexão cuidadosa e incessante) exigidos para que um casal passe a integrar uma EN. Para o cumprimento destes critérios é que um estágio mais ou menos prolongado num GC os vai preparar. E bastará enunciar estes critérios para vermos que não se trata de uma *promoção* para as EN, como se passa de ano ou se ganha patente. Trata-se, isto sim, de sentir-se o casal mais disposto a dar-se, mais apto a empenhar-se num serviço maior e mais exigente. EN não é portanto prêmio, é trabalho.

São estas as três exigências, a nosso ver fundamentais :

1. aguda sensibilidade apostólica O MFC é, por definição, já dissemos e seria um grave erro esquecê-lo — organização missionária. Não visa apenas o aperfeiçoamento cristão pessoal. Não pretende formar uma elite, selecionada talvez, mas estática e inoperante, de casais. É uma equipe : e quem diz equipe diz grupo organizado, aguerrido e ativo. É movimento : pois não é fortuitamente senão muito de propósito que nos chamamos Movimento Familiar Cristão e não Associação ou outro nome qualquer. Equipe apostólica, portanto, movimento missionário destinado a atuar fortemente no mundo para a reconstrução da família sobre seus alicerces cristãos. Tudo no MFC é apostólico.

A primeira condição que se exige de quem vai entrar numa EN é então muito naturalmente que possua uma sensibilidade apostólica cada vez mais aguda. *Sensibilidade* apostólica : usamos voluntariamente esta expressão. Pois nem sempre se poderá esperar do casal que entra numa EN uma *atividade* apostólica comprovada, um *sucesso* apostólico notório, um *arrôjo* apostólico desembaraçado e sem limites. Com o tempo e a vivência do Movimento virá a disposição para o apostolado. Pode-se entretanto reclamar isto : que este casal tenha aprendido a perceber à sua volta a extensão e a profundidade da descristianização da família, a conceber a urgência da restauração cristã da família, e que ele sinta em consequência a vontade (que não a veleidade) de ser apóstolo, a disponibilidade para a ação missionária, a decisão de trabalhar inteligentemente, organizadamente, eficientemente para a redenção da família.

Se falta esta sensibilidade, o casal se achará desajustado numa equipe de apóstolos. Se se generaliza esta falta então a equipe é que terminará desajustada à sua função no Movimento e na Igreja. Por isto os GC têm como papel saliente formar esta sensibilidade.

Onde irá se realizar a sensibilidade apostólica dos casais de Nazaré? Apon-temos apenas em algumas palavras o que será mais longe tratado em detalhe. Em dois setores se exercerá esta sensibilidade. Num setor interno do MFC: atuando em todos os quadros necessários para a existência, o funcionamento e a eficiência do Movimento. Pois é uma forma de apostolado trabalhar nos secretariados, nos encontros de Caná, na composição de um boletim, na construção de uma casa de retiros etc. Num setor externo: quer dizer no vasto campo missionário que é hoje a família, seja atuando de pessoa a pessoa, de casal a casal, seja promovendo grandes movimentos de massa.

2. Intensa vida sacramental Ela vem autenticar o zelo apostólico. Nutrí-lo. Não há apostolado familiar sem vida sacramental. Quando se fala de vida sacramental, ocorre espontaneamente ao espírito a idéia da confissão e comunhão freqüentes. E decerto penitência e eucaristia são de importância para uma vida cristã: não podem ser relegados na formação religiosa dos membros do MFC.

É preciso porém ir mais longe e mais fundo. Estamos em face de cristãos casados. Entre os sete sacramentos há um que lhes diz respeito especialmente, que é o seu sacramento: o matrimônio. Vida sacramental para eles engloba forçosamente, e de maneira toda particular a vivência deste sacramento que os define dentro do Corpo Místico.

Têm eles esta vida sacramental? é a pergunta que se faz diante de um casal que vai integrar uma EN. Mas não de maneira apenas negativa: um casal unido, com vários filhos, severo na educação da prole. Mais ainda, positivamente: será que ele procura viver até o fundo as graças do matrimônio? O casamento é para ele uma ascensão? uma caminhada a dois para a perfeição evangélica? um alicerce para uma vida virtuosa? O matrimônio é para ele base de uma autêntica espiritualidade que lhes encha a vida? Até aí, e não aquém, é preciso chegar.

3. o retiro matrimonial É conveniente que todos os anos, desde que entram para um GC, os casais façam retiros matrimoniais. Dêles falaremos linhas abaixo. Diferente é o retiro que marca a passagem para a EN. Este é o momento de reflexão antes da decisão importante. Como o sacerdote que se recolhe seis dias antes da ordenação, o monge, antes de sua consagração. O valor deste retiro matrimonial reside também na possibilidade que dá ao casal, de refletir sobre sua espiritualidade (a quantas anda?), sobre os problemas da família à sua volta, sobre sua doação à causa missionária da família. O retiro ajudará o casal a se entregar por um compromisso solene, ao serviço da Igreja pelo serviço da família. Não é pois uma investidura automática — é, mais exatamente, o ponto culminante de uma longa preparação, o instante de séria reflexão antes de uma decisão marcante.

qual o papel do assistente?

DECISIVO. Nos GC a presença do sacerdote não é requerida. Aqui é indispensável. “Tudo pelo leigo, nada sem o sacerdote”, dizia Pio XI numa frase lapidar falando da atuação dos assistentes na Ação Católica. Este con-

ceito se aplica com precisão nas EN. A atuação do sacerdote é que vai conduzir os casais à descoberta de sua vocação de apóstolos e de sua espiritualidade própria. Santificador, mestre, estimulador: eis o que será em resumo o sacerdote junto a uma EN. Por vezes ele terá que inserir os casais fortemente na Ecclesia, mais vasta por certo que suas pequeninas preocupações municipais ou de bairro. Outras vezes sua ação se fará sentir levando a um maior aprofundamento evangélico. Ou então terá de desvendar-lhes as graças da vida sacramental. Ou da educação. Acontecerá mesmo que se torne confiante em horas de desânimo. Será sempre, em todo caso, a presença viva da Igreja. Homo Dei, representante de Deus junto ao lar.

Se tivéssemos que apontar algumas virtudes do assistente no exercício de sua função, apontaríamos: o tato, discrição ao lidar com os casais, — dedicação total ao Movimento (não dar nunca impressão de que é necessário ou de que está fazendo um grande favor), — um grande otimismo que seja o fruto evidente de um profundo espírito de fé e Esperança, — muita prudência, a prudência que não é apenas ponderação mas sobretudo capacidade de iniciativa e realização — espírito de paz e conciliação para solucionar os casos difíceis — um evidente espírito sobrenatural que faça dêle o “testemunha do Invisível”.

que será dos GC quando nasce a EN?

MUITAS vezes o nascimento de uma EN vai desfalcado um GC de vários de seus elementos. Que se torna este GC? Não é raro que chegue quase a se dissolver. Outros casais terão que entrar no lugar dos que saíram. E os casais que penetram em *Nazaré* se verão na contingência de se separar, depois de vários meses de convívio. Como resolver este problema? Parece-me que não há duas soluções, há uma só: contar com o espírito sobrenatural dos casais. É necessário que os casais olhem as necessidades e as conveniências da Igreja mais do que as do grupo ou as suas próprias. E que saibam sacrificar o calor e as delícias de uma convivência amiga aos reclamos do Movimento e da Igreja. Nada entretanto impede que continuem freqüentando as reuniões de seu grupo inicial.

Assim pois, vários são os caminhos que pode seguir um GC quando da formação de uma EN: ou o grupo inteiro vai integrar uma EN (e então não há problemas, mas é um caso raro) — ou os casais que vão para a EN continuam a freqüentar seu GC (então não há mudança alguma externa) — ou o GC, desfalcado com a saída de alguns membros, se recompõe com a entrada de outros — ou, em último caso, o Grupo se dissolve (o que é pena mas é normal, pois o GC não é, por sua natureza, doradouro, e, afinal aquele casais, que nunca poderiam vir a pertencer a uma EN por não serem católicos ou não terem as condições necessárias, pelo menos já colheram os benefícios de um, dois ou mais anos entrosados num GC.)

o apostolado dos equipistas

CABE à equipe bem organizada, por intermédio do casal responsável e do assistente, engajar-se num verdadeiro labor apostólico. A equipe funcionará com entusiasmo, se manterá, crescerá e sobreviverá pela força de seu trabalho apostólico. Cessar o apostolado é para ela começar a morrer. Morrer de paralisia. Dentre as variadas formas que pode assumir concretamente o apostolado da família a equipe, ou cada um de seus membros, procurará descobrir com realismo qual a mais necessária e urgente, a mais viável também. E depois, executar sua tarefa apostólica de modo calmo mas organizado, sistemático, obstinado. Sem vaidade. Mas com vontade de chegar ao fim.

formação: 1 — Os retiros matrimoniais

PODEM ser de grande proveito para a formação dos casais os retiros matrimoniais especializados, feitos com certa regularidade. Ao entrar para os GC, a grande maioria dos casais nunca fez retiro — nunca o fez em todo caso como casal: os dois juntos e dentro de uma orientação familiar. Na preparação apostólica do casal estes retiros terão um papel típico que outros instrumentos de formação não dispensam nem substituem. Retiro especializado. Quer dizer: retiro em que os temas tratados, o roteiro elaborado para os dias, as orações, as leituras tudo favoreça aquelas coisas que aqui mais importam, e que são o sentido da vida a dois, o sentido e o alcance e os fundamentos de uma espiritualidade matrimonial, a educação para um eficiente apostolado familiar.

Nestes retiros tem imensa importância a escolha do pregador. Um sacerdote que lida de perto com problemas de pastoral familiar, um assistente de GC terá muito mais facilidade para dirigir o retiro num sentido desejável. Tem importância igualmente o clima familiar que se conseguir criar.

formação: 2 — As manhãs (ou tardes) de formação

A CRESCENTÊMO-LAS como meios também de formação dos casais. Oferecem a vantagem de permitirem aos casais, além de uma missa, que assistem em comum e à qual podem dar todo o valor litúrgico que eles puderem, mais tempo para explicar, pela exposição e o debate, pontos de doutrina — liturgia ou evangelho, problemas da família ou prática do MFC — que nas reuniões não podem ser mais longamente tratados.

O que é preciso evitar a todo custo é que as manhãs (ou tardes) de formação venham a suprimir as reuniões familiares em casa. Ou, o que dá no mesmo, que estas manhãs de formação sejam criadas porque as reuniões familiares já não estão indo tão bem quanto deveriam. A mola do Movimento, já se disse, não são as manhãs de formação, por mais animadas, proveitosas, freqüentadas que venham a ser — são, sim, as simples reuniões matrimoniais com seus 5, 6 ou 7 casais, seu programa, seu inquérito.

Tais instrumentos de formação permitem ao MFC aguerrir seus membros para a tarefa que ele se impôs, que a Igreja lhe confiou. Não há, na prática, necessidade de se filiar a escolas de espiritualidade ou a famílias religiosas. Aí iremos encontrar, sem precisar sair do Movimento, uma espiritualidade matrimonial tão realizada quanto possível e desejável. E uma expansão apostólica que lhe dá o indisfarçável sêlo evangélico. O resto é sabermos impregnar nossos grupos e equipes com essa mística própria do Movimento.

CAMPOS DE AÇÃO

HÁ LUGAR PARA TODOS - E NECESSIDADE DE TODOS - NO APOSTOLADO DA IGREJA. NOSSO APOSTOLADO É O DA FAMÍLIA, MAS NADA DO QUE CONCERNE À FAMÍLIA, ENQUANTO CONCERNE À FAMÍLIA, NOS É ALHEIO

ASSIM pois, o MFC é movimento de apostolado, e apostolado leigo. Mas, entre tôdas as outras organizações de apostolado, constituídas quer de homens quer de mulheres, separadamente, o MFC tem uma originalidade: constitui-se de casais. Marido e mulher juntos como no dia do casamento. Como na vida. Juntos na oração. Na troca de idéias. Na ação apostólica.

O MFC não perde de vista que seu meio social específico é a família. E que seu campo de apostolado é pois também, por definição, a família. Não visa nunca o indivíduo solitário: visa-o familiar. Mas não há ser humano que não venha de uma família e não se encaminhe para outra. Ser familiar é assim algo de essencial e estrutural no homem.

Variadas quase ao infinito são as atividades apostólicas a que o MFC se consagrará. Tudo depende de circunstâncias de tempo e de país. Não varia porém a ótica dentro da qual o Movimento encara os problemas e procura soluções. Não varia a finalidade pela qual desenvolve seu apostolado. A ótica da família. A finalidade da família. Este ângulo absorve tôdas as preocupações possíveis do MFC.

Para ser fiel a si próprio e à sua missão, para ser eficaz, o MFC sabe que terá de possuir, necessariamente, uma visão cada vez mais perfeita de todos os problemas que afetam a família no século XX, um juízo crítico, o mais agudo possível sobre estes problemas — e de transmitir esta visão e este juízo. Para chegar por aí a soluções realistas e positivas.

Nada do que diga respeito à família (já o dissemos) lhe pode ficar alheio: valores ou problemas. No plano natural ou no sobrenatural. Assim é que o MFC procura ter sempre presente que o casamento (e a família) é, sim, instituição humana, em suas origens. Mas a única que o Cristo tenha elevado à dignidade e eficácia de um verdadeiro sacramento. Por isso é que o Movimento se preocupa em dar-lhe o máximo de rendimento humano — de felicidade, digamos — mas também em revalorizá-lo enquanto sacramento, fonte de graças. O MFC quer que os casais cristãos conheçam mais e mais as ri-

quezas sobrenaturais do matrimônio e suas repercussões na vida conjugal. Que êles vivam no lar sua vocação de santidade.

Podemos resumir em três principais os campos em que o Movimento irá trabalhar afim de fazer frente a todos os problemas da família, que são problemas seus :

1. o plano conjugal

A família tem no casamento seu ponto de partida. Será, em princípio, o que tiver sido, o que fôr o casamento. É impossível que um casamento errado produza uma família perfeita. Assim é que o primeiro campo de ação do MFC é o da vida conjugal em tôda a amplitude desta expressão. "Fazer uma família mais feliz", diz o lema do Movimento. Ora, a felicidade da família, é, antes de mais nada, a felicidade do amor mútuo e da harmonia conjugal. O esforço primeiro do MFC será para garantir casamentos tão perfeitos e equilibrados quanto possível. É claro que êstes são normalmente resultado de sólida preparação e profunda vivência. Daí a dupla linha de atividades do Movimento neste domínio, da vida conjugal :

a. o pré-matrimonial

André BERGE faz em um de seus livros esta observação pertinente: para tudo o homem se prepara, até para ser vendedor ou trapeiro — só para duas coisas, no entanto das mais graves, não há preparação : política e casamento ! Ora, é inquestionável que a plena realização de um casamento depende em grande parte de sua preparação. Só para isto existe o namôro e o noivado : para que o casamento não se improvise. Que êle seja uma aventura, sim, mas não uma loteria. Para que juntos, rapaz e moça se disponham para a grande profissão de marido e mulher, pai e mãe.

O MFC não descuida esta parte. Êle descobriu sem demora que era pouco tentar apoiar os lares já feitos, se não se preparavam os lares por fazer. Pois na maioria dos casos os mais graves problemas da família são os que decorrem da pouca ou nenhuma preparação anterior.

Neste plano, a experiência do Movimento lhe diz que é preciso adiantar cada vez mais o início desta preparação. Não começar às vésperas do casamento, em meio aos probleminhas daquela época, mas desde o comêço do noivado. Talvez até desde o namôro. E quem sabe, encontrar meios de, já no curso secundário, transmitir aos jovens uma educação remota para a vida familiar. Esta é a formação que permanece e produz frutos.

Esta formação pré-matrimonial, o MFC procura fazê-la, intensivamente, por meio de palestras feitas, em duas ou três noites de reunião, por espôso, um médico, um advogado, um sacerdote etc. Mas é fato observado que, muito melhor que esta, é a formação que se dá extensivamente, em reuniões mensais ou quinzenais onde 6 ou 7 pares de noivos, agrupados em

torno de um casal mais velho ou (e) de um sacerdote, em casa de um deles, possam, pelo debate de idéias, se impregnar de tudo quanto é essencial à vida de família. Um programa bem elaborado, contendo aprofundamentos do evangelho e problemas da vida conjugal, ajudará nestas reuniões a que chamamos de pré-Nazaré.

Podem fazer-se experiências frutuosas também diretamente nos colégios. Muito podem, nestas experiências, membros do MFC bem enfronhados nos problemas que os jovens enfrentam nesta quadra de sua vida, e dotados de comunicabilidade com os espíritos jovens.

b. o matrimonial

Por importante que seja, no entanto, a preocupação com os futuros esposos, é o lar atual, com seus problemas e suas riquezas, que é objeto direto da ação do Movimento. A eles o MFC porcurará atender. E não apenas refletindo abstratamente sobre o significado do casamento, as grandezas e misérias da família, o alcance da paternidade, a psicologia diferencial dos sexos, mas também, e mais ainda, esforçando-se por dar uma resposta concreta aos concretíssimos reclamos desta ou daquela família. Já falamos, páginas atrás, do vasto apostolado familiar que o MFC pode desenvolver

2. o plano educacional

ATIVIDADE essencial ao dinamismo da família é *educar*. É o indispensável coroamento da geração. Faz parte da primeira finalidade do casamento tão insistentemente explicada por Pio XI na encíclica sobre o casamento. Por tudo quanto a integra, a família tem que ser educativa e educadora. Pois educar não pode ser uma função estanque exercida aleatoriamente em momentos esparsos da vida. Ao contrário, deve ser tarefa espontânea da família enquanto família é ambiente, meio social, quadro de vida.

Ora nada é tão difícil quanto educar.

O MFC tem em mira alertar as famílias para as questões educacionais, fornecer elementos que facilitem a grande empresa da educação apontar rumos para uma educação integral, criar ambiente propício à educação, permitir trocas de experiências e idéias. Não será demais que o Movimento tenda a ser pouco a pouco o mais adequado instrumento nas mãos da Igreja para realizar os conceitos cristãos em matéria de educação, que ela não se cansa de preconizar quer pela palavra dos papas quer pelas obras de seus autores mais expressivos.

3. o plano comunitário

MAS a família não é, não pode ser um casulo fechado. É, ao contrário, tem de ser célula viva de um organismo maior que ela vem integrar. A sociedade é família de famílias. Verdadeira família é pois a família aberta

à sociedade. Aberta ao bem-comum sob tôdas as suas formas : cívico e político, religioso, socio-econômico.

Uma grave tentação espreita a família, hoje : a de reduzir tudo ao estrito bem-comum familiar, insulando-se assim a família em seus problemas, num egoísmo doméstico tão grave quanto o individual .A família de nossos dias sofre muito as influências da mentalidade individualista, vigente ainda. Tal egoísmo existe a seu jeito nos meios proletários e sub-proletários. Mas é muito mais grave, por motivos que não seria difícil analisar, nos meios abastados e mais ainda na chamada classe rica. Há mais solidariedade e mais abertura nas classes menos privilegiadas. De tôda forma porém é um problema sério, êste da abertura familiar para o campo social.

Há por isso mesmo um grande esforço a fazer para que cada família, realizada plenamente em seus valores, venha a ser um órgão verdadeiramente vivo e ativo na vida da sociedade. É preciso que tudo na família, desde a primeira educação, inclusive as leis que regem a vida familiar, tudo conduza a esta abertura.

Também êste é um campo do MFC : preparar a família para sua missão social. Ou, ao menos, despertá-la para as dimensões de um bem-comum maior ao qual ela não pode fugir nem fechar-se. A formação que o MFC dá, a atividade apostólica que êle desempenha, seus programas, tudo isto pode e deve ser utilizado para empenhar tantas famílias quantas possível nesta indispensável tensão comunitária. Bem utilizada, a formação das equipes ajuda neste despertar do senso social. Que será até, em certo nível, o senso da Igreja, da comunhão dos santos, do Corpo Místico.

INSTRUMENTOS DE AÇÃO

IR AO ENCONTRO DA FAMÍLIA, LÁ ONDE ELA
CHAMA OU PEDE SOCORRO. SALVAR A FAMÍLIA
PELOS PRÓPRIOS VALORES DA FAMÍLIA. RESTAU-
RÁ-LA EM DEUS, NO CRISTO, NA IGREJA.

COMO todos os movimentos apostólicos na Igreja, o MFC tem seu estilo de trabalho. Tem seus métodos de apostolado, seus instrumentos de ação. Isto é que dá ao apostolado cristão sua força e sua eficácia: esta flexibilidade, esta liberdade de ação que lhe permite, guardando a unidade dos fins, adaptar os meios e instrumentos às circunstâncias especiais em que se está agindo. No caso, por exemplo do MFC, a ação apostólica sobre a família impõe certos instrumentos de ação que lhe serão próprios, diferentes de outros apostolados. O MFC não compara seus meios de ação com nenhum outro, para exaltá-los em detrimento de outros ou para desejar que eles substituam os outros — apenas procura utilizá-los com dedicação certo de que para este tipo de apostolado eles são os melhores.

Sem pretender entrar em minúcias, podemos apontar aqui alguns aspectos destes métodos de ação apostólica do Movimento:

Duas são, para começar, as grandes formas de apostolado possíveis. Chamámo-las aqui: apostolado do testemunho e apostolado da ação.

1. apostolado do testemunho

FORMA quase sempre esquecida, muitas vezes menosprezada, de apostolado — e no entanto, de imensa eficácia cristã. É o apostolado, digamos, do existir: aquele que qualquer comunidade cristã realiza pelo simples fato de ser, e ser cristã. Não consiste tanto em fazer mas em ser.

Nos Atos dos Apóstolos aprendemos esta idéia, tão cristã, recebida porém do Antigo Testamento: que os homens se salvam entrando numa Comunidade de Salvação. Na Lei Antiga esta comunidade era o povo eleito. Na Nova Lei é a Igreja de Jesus, o novo Israel. Vemos que nos primeiros tempos a Igreja procurava ser esta pequena comunidade a qual viessem agregar-se todos aqueles que buscavam a salvação em Jesus. Esta comunidade exercia uma irresistível força de atração. E esta força vinha

silenciosa irradiação que dela se desprendia. O primeiro apostolado consistia assim em ser uma equipe de discípulos de Cristo que, pelo testemunho de sua vida cristã, arrastavam a si os outros. O testemunho que davam era, sobretudo mais, o da fé em Jesus, da oração e da caridade fraterna. "Vede como se amam!", diziam os cristãos, e sentiam-se imantados por esta força da comunidade cristã.

Esta forma de apostolado não desapareceu. Todo movimento apostólico devia contar com ela. O MFC, entre todos e mais que todos, deve visar este tipo de apostolado. Procurar existir, cada vez mais intensamente como *pusillus grex*, um pequeno rebanho cristão. Dar um testemunho cada vez mais forte de fé, de oração e de amor fraterno. Viverem, todos os casais, o mais que possam, o ideal cristão do casamento. Isto será o primeiro e muito significativo trabalho apostólico que farão. E não tardará que os grupos de casais assim constituídos, sem pregação, sem ruidosas apologéticas pelo simples testemunho de sua vida em Cristo, comece a atrair um número enorme de outros casais desejosos de viver igualmente o mesmo ideal.

Sempre haverá aliás dentro do Movimento certo número de casais aos quais, por certos motivos, o MFC terá de pedir, como forma de apostolado apenas um serviço silencioso e obscuro prestado ao próprio Movimento. Para existir e melhor servir à Igreja, o MFC precisa destas dedicações, de gente que nunca aparece, que nunca faz nada exteriormente. É um apostolado íntimo mas fecundo porque dêle depende a própria eficácia do MFC a serviço da família. E além do mais êle tem o valor do testemunho. Vale o que valeu a aquele apostolado dos primeiros cristãos que atraíam os outros a Cristo graças à sua irradiante caridade.

2. apostolado da atividade

ESTA primeira forma não esgota todo o apostolado. É necessário ainda o apostolado da ação. Tal como os Doze que depois de Pentecoste saíram pelo mundo a pregar o evangelho.

O MFC não deixará de se consagrar também a este tipo de apostolado. É mesmo trabalho obrigatório ao qual se comprometeu com a Igreja e com a família cristã. Podemos assinalar duas maneiras ainda que o Movimento tem de realizar este apostolado :

Ora o próprio MFC o fará, enquanto grupo organizado, por meio de ações planejadas pelo Movimento como tal. Um programa elaborado orientará a ação. Um roteiro certo a dirigirá. Neste caso, embora alguns membros executem o trabalho, o trabalho é do MFC todo.

Ora são os membros do MFC que agirão isoladamente, cada qual em seu setor. Mesmo aqui o que os impele a agir é a inquietação que conceberam dentro do Movimento, e estão armados com a formação recebido do Movimento. Não devemos reecar impelir os membros do MFC a esta ação apostólica pessoal : é de importância vital para a causa da redenção da família. Assim, o elemento do MFC que é deputado terá uma ação admirável a desdobrar no campo das leis que se promulgam : dependerá, quem sabe, dêle

que estas leis favoreçam em vez de pôr obstáculos a família. Leis de salário, leis de construção civil e inquilinato, leis de abono familiar etc. Se é médico poderá trabalhar, no campo da higiene, em tudo que concerne à família : aprofundar e difundir as questões relativas à natalidade, dar sua colaboração científica à repressão ao aborto, cuidar dos problemas médicos pré-nupciais, velar pelos aspetos médicos — psicológicos ou somáticos, sexuais ou outros — da harmonia conjugal etc. Se é advogado... jornalista... homem de negócios : não há profissão ou setor de vida em que um equipista do MFC não tenha, sob a inspiração do Movimento e em ligação de intenções e de métodos com êle, algo a fazer para a promoção humana e cristã da família. Basta ter os olhos abertos e a vontade decidida.

Insistamos um pouco porém sôbre a atividade apostólica que o MFC realiza coletivamente, as equipes como tais. São muitas e variadas as possibilidades — e as necessidades ! — de ação.

a. Os Grupos de Caná

Demos, páginas atrás, os GC como meios de formação do MFC. Eles o são na verdade. Lembramos porém que êles podem ser igualmente maravilhosos campos de apostolado. Primeiro porque cada um dos casais que os compõem, os de mais profunda formação cristã, encontrarão sempre meios de, dentro dêles, dar o melhor de si para levar o evangelho a outros. Muitas vezes sem nem precisar pronunciar a palavra evangelho. Apenas procurando levar mais felicidade, mais harmonia, mais equilíbrio para um lar. Em segundo lugar (e aqui tocamos um ponto importante) cada Grupo de Caná deve ser dirigido não por um sacerdote mas por um casal. E são os casais das Equipes de Nazaré que devem fundar e orientar GC. É o mais fecundo trabalho que possam efetuar. Nem todo casal, ainda que pertença a uma EN, tem capacidades para dirigir GC — darão para outro tipo de trabalho. Mas aqueles que, com talentos naturais, cultivados graças a uma certa formação, sentirem habilidade para êste apostolado terão nele uma fonte de serviços apostólicos prestados à família e à Igreja. É assim aliás que se estenderá o MFC : por êstes círculos concêntricos de GC, cada vez mais numerosos em tôrno de equipistas de Nazaré.

b. Os Encontros de Caná

Eis outro instrumento de ação apostólica do Movimento. Chamamos assim às duas ou três noites de reuniões familiares que fazemos para grande público sôbre temas de família : harmonia conjugal, educação dos filhos, família e escola, família e cinema etc. Não desceremos a pormenores : um folheto especial explica o funcionamento destas reuniões matrimoniais. Sublinhemos apenas que é um excelente instrumento de apostolado êste encontro, duas ou três noites seguidas, com casais e com seus problemas trazidos com simplicidade ao debate — e, quem sabe, à solução.

c. As equipes de noivos

É todo o vasto mundo da preparação para o casamento que é aqui transformado em campo de apostolado. As conferências para namorados e noivos e, melhor ainda, as reuniões regulares para eles, nos moldes das reuniões para casais são também um instrumento de ação apostólica. Bem usado este instrumento tem um rendimento que a experiência já averigou em muitos países.

d. Casais desajustados

Não é finalidade principal do MFC olhar por casos particulares. Nem se concentrar em problemas negativos. Seus objetivos são mais a instauração positiva de uma autêntica família cristã. Seu campo é o de uma reforma geral, completa, das mentalidades.

Mas enquanto movimento familiar, não há problema da família que não o comova. Ele não recusará assim, cada vez que necessário e possível, velar por problemas familiares de âmbito pessoal e de solução imediata. Os problemas de desajuste familiar, por exemplo, de crises domésticas mais ou menos graves, de ameaças à harmonia e à integridade do lar. O MFC poderá em casos assim criar serviços de atendimento a tais problemas. Ele tem mesmo em certas regiões instituído, mediante seus apóstolos familiares escritórios para atender a casais desajustados, verdadeiras tábuas-de-salvação em momentos de desespero e desalento: um sacerdote, um psiquiatra, um casal, preparados para este mister, podem salvar uma família, preservar um lar num transe passageiro mas difícil. Como este muitos outros serviços poderão ser criados. A necessidade do lugar e da hora saberá sugerir-los. O que importa é que eles não absorvam totalmente a ação do Movimento, distraíndo-o da preocupação primordial de reforma básica. O que importa ainda é que todos estes serviços entrem no espírito fundamental do MFC. Sem trair sua vocação dentro da Igreja e por conseguinte a missão de que a Igreja o encarrega.

Creemos bom responder aqui a uma indagação latente mas muito comum: não deve o MFC lançar pronunciamentos com relação às questões familiares, cada vez que parecer oportuno ou necessário? — O MFC não é por sua natureza, nenhum órgão de representação da família. Nem é sua função e finalidade fazer movimentos de pressão ou persuasão para obter isto ou aquilo. De tudo quanto dissemos, ficou claro, esperamos, que bem outro é seu apostolado. Eis porque ele poderá talvez, esporadicamente, por solicitação da Hierarquia ou impelido pelos acontecimentos, utilizar um ou outro destes métodos de ação: abaixo — assinados ou moções, pronunciamentos, em nome da família, ou pelo menos das famílias que o integram, vetos ou censuras a espetáculos, livros ou outra coisa qualquer que prejudique a família. Poderá, decerto. Mas não é do espírito do MFC, nem de seu estilo, nem ele está aparelhado ainda, nem se sente com delegação para isto. Outros movimentos familiares nasceram com este objetivo e realizam estas coisas, (importantes e necessárias sem dúvida) com mais competência e mais eficácia que nós.

A serviço também do Movimento, em sua atividade apostólica, podem estar finalmente outros tipos de reuniões. Por exemplo assembléias gerais que congreguem, por ocasião das grandes festas litúrgicas: Natal ou Páscoa ou outras, os grupos todos da cidade quando são numerosos. É a maneira de se conhecerem casais que de outra forma nunca se encontrariam. É de desejar que estas reuniões não fiquem apenas sociais (no sentido mundano e frívolo do termo) mas sejam demonstração de verdadeira caridade e ocasião de aprofundamento doutrinal e religioso.

Além disto o MFC pode programar reuniões de massa para, a propósito de certos problemas — educação, divórcio etc. — transmitir sua mensagem que será sempre não negativa, polêmica e reivindicativa, mas construtiva, conquistadora, capaz de influenciar a longo prazo. Neste capítulo entrará, eventualmente, a preocupação de celebrar, marcando-as com o espírito próprio do MFC, festas como o Dia das Mães e, mais importante ainda, o dos Pais. A festa da Sagrada Família. E onde fôr possível, com uma série preparação e rigoroso planejamento a Semana — ou tríduo — da Família. É superfluo dizer a importância que podem ter realizações como estas. A condição primeira é que não se afastem do objetivo que dá a essência do Movimento: restaurar em Cristo a Família.

Aí está, em esboço, o ideal do MFC. Resta tirá-lo do livro para a vida. Cabe a cada casal do Movimento transformar estas páginas em Movimento.

ANEXO

ALGUMAS QUESTÕES PRÁTICAS

1. O ideal de unidade

O MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO reuniu, em julho de 1960, no México, seu II Encontro Latino-Americano. Ao lado do tema central do Encontro, que era *a abertura da família*, foi carinhosamente estudado aí, pelos delegados de quinze países, o problema da unidade (e insistimos: unidade não significa uniformidade) do MFC. Unidade de vistas, unidade de intenções, unidade de ação.

Foi uma alegria constatar que, apesar do desenvolvimento rápido do Movimento em quase todos os países de Latino-América, apesar das enormes diferenças que separam estes países, uma extraordinária unidade de espírito já ligava o MFC das mais diversas regiões.

Mas surgiu do Encontro a convicção de que, cada vez mais, todos os MFCs, salvaguardando ciosamente embora a originalidade, deveriam tender à maior unidade possível — uma unidade hoje já continental, amanhã, se Deus quiser, mundial. Esta unidade é fator primordial de eficácia apostólica. Num mundo que se unifica e soma esforços, dispersar-se é, mais que leviandade, temeridade e inconsciência. Para chegar à unidade vale a pena até renunciar a pequenas aquisições pessoais, pequenas tradições locais etc.

Esta deve ser uma preocupação também do MFC do Brasil: procurar formar uma sólida unidade do MFC no plano nacional — e depois integrar, inteligente e generosamente, a unidade latino-americana do Movimento.

Vários são os planos em que se deve procurar tal unidade (uns, naturalmente mais importantes do que os outros, todos porém apreciáveis). Eis alguns:

a. Unidade de govêrno

Esta unidade é garantida, na Igreja, pela Hierarquia legitimamente constituída. Ora, o MFC timbra em seguir de bem perto, em todos os países, as diretivas da Hierarquia, dentro evidentemente de seus objetivos específicos sem os quais já não seria MFC mas outro agrupamento qualquer. Um primeiro fator de unidade de govêrno será para o MFC ligar-se sempre à Hierarquia: nenhum grupo, nenhuma equipe deve surgir sem o consentimento e a orientação do bispo do lugar. Só assim o Movimento se inte-

grará numa ação pastoral de conjunto e garantirá uma eficiência apostólica que, aliás, ficaria comprometida.

Mas a Hierarquia, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, criou uma Equipe de direção nacional, a quem encarregou de orientar, em ligação com Ela, o MFC brasileiro. A criação de grupos e a condução dos mesmos deve ser sempre, por isso mesmo, levada ao conhecimento desta Equipe. Cada diocese, por sua vez, terá sua direção diocesana. Esta centralização, temperada por uma voluntária descentralização, contribui grandemente para a unidade, uma unidade larga e arejada do MFC.

A direção nacional está sediada, no momento, à rua General Venâncio Flôres, 100 / apartamento 103 (Leblon) — Rio — Est. da Guanabara.

b. Unidade de ação

Esta é garantida, antes de mais nada, pela unidade de programas. Já ficou dito que a ação apostólica do MFC (e a formação que para ela prepara) não é improvisada. Segue um roteiro : sem isso perderia decerto muito de seu valor e de seu rendimento. Este programa (vasto, como se faz necessário para o atendimento de tantos problemas, complexo, desdobrado em vários programas secundários) é elaborado e distribuído pela direção nacional.

Haverá unidade na formação e na atividade apostólica na medida em que todos os núcleos do Movimento, antigos ou novos, próximos ou distantes, tiverem a preocupação de pautar-se pelo programa do MFC. Este é, de resto, um compromisso tácito que cada qual assume com o Movimento. Ele não está para ser inventado, lembramos há pouco : existe, tem apenas que ser vivido. Ora, vivê-lo é realizar o programa que ele oferece. Claro está que há margens para muita iniciativa. A execução mesma do programa se fará com certeza dentro de uma grande largueza de ação. Contanto que uma religiosa fidelidade ao programa do Movimento seja cultivada. Fora disso haverá improvisação, fantasia, e até a criação de uma coisa diferente, mas que não será mais o MFC. Ora, para melhor servir a Igreja o MFC só tem que procurar ser cada vez mais e melhor o que deve ser, o que nasceu para ser.

Os diferentes programas do Movimento são encontrados na própria sede, no enderêço acima.

c. Unidade de terminologia

Bem sabemos que esta não tem a importância das outras. Não é desprezível, no entanto. Há certa grandeza, certa beleza nesta unidade até dos nomes das coisas. O Encontro Latino-Americano procurou orientar também na busca desta unidade, digamos, verbal.

EQUIPES CENTRAIS : esta a designação adotada para o grupo de casais que dirige o MFC nos vários planos. A esta designação se acrescentará o adjetivo correspondente. Falar-se-á assim de *Equipe Central Nacional* para os casais que, por delegação da Hierarquia, dirigem o Movimento no âmbito nacional. De *Equipe Central (Arqui) diocesana* para os que o dirigem no plano da diocese.

CÍRCULOS MATRIMONIAIS : é a denominação dos grupos de casais em seu início. No Brasil este Grupos chamavam-se até agora Grupos de

Caná. Na Argentina, Clubes de Marido e mulher. Cada país dava uma designação. Em vista da unidade vamos procurar substituir pouco a pouco as diferentes designações por essa única *Círculos matrimoniais* que, aliás, exprime bem, em sua simplicidade, o que devem ser os grupos de casais nesta fase de sua constituição.

ENCONTROS PARA CASAIS : assim unificamos a denominação das duas ou três noites de palestras e debates destinados a despertar a opinião pública sobre problemas familiares. Neste ponto dificilmente conseguiríamos uma unidade americana porque uma expressão adequada ao Uruguai e à Argentina será imprópria aqui e vice-versa. Seria bom entretanto que se fizesse a unificação aqui entre nós.

CASAL RESPONSÁVEL : é o nome que damos ao casal da EN que está dirigindo um GC e também ao casal que, dentro da EN, durante aquele ano está encarregado da direção da Equipe. Outras designações como *casal dirigente* ou *casal piloto* ou tantas outras podem ser extremamente sugestivas e belas mas não fazem parte da terminologia do MFC e assim ou nada exprimem ou mesmo podem criar confusões em nossos encontros e correspondências. Como seria bom que fôsem abolidas em favor da denominação que nos é própria.

Haverá decerto outros pontos de interesse a notar neste capítulo da unidade : o BOLETIM do MFC é, sem dúvida, um elo unificador, o contacto epistolar dos centros com a Equipe Central Nacional, a viagem dos membros desta Equipe conhecendo de perto a marcha do Movimento nos pontos mais distantes... Sobre todos estes pontos bem gostaríamos de receber comentários e observações dos centros.

O que aqui fica deseja ser apenas um despertar para este ideal que deve ser caro ao MFC : *ut omnes unum sint* — que haja uma unidade de caridade, de inteligência e de ação, garantias da maior eficácia do Movimento. Por isto é que suplicamos aos centros todos do MFC pelo Brasil afora, que não vejam em nosso pedido de senso de disciplina a mínima vontade de prepotenciarem; em nosso pedido de aceitação de uma terminologia, o menor culto da uniformidade. Vejam apenas um ideal de maior união para maior força. Maior força para maior eficácia. Tudo isto compensará largamente as renúncias aceitas.

2. ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS

Já no texto deste Guia fizemos referência aos pontos mais importantes da criação e funcionamentos dos grupos de casais do MFC. Julgamos bom, entretanto, acrescentar aqui mais algumas observações práticas sobre este assunto. Serão respostas a indagações que vez por outra nos chegam :

a. as reuniões introdutórias

Insistimos fortemente sobre a necessidade de uma certa disciplina nas reuniões do MFC. De fato o rendimento delas, quer para o enriquecimento

espiritual dos casais quer para a fecundidade apostólica que se seguirá, dependerá em grande parte da seriedade com que se desenrolarem. Tem imensa importância, neste capítulo, um bom dirigente que saiba conduzir cada parte da reunião no sentido do aprofundamento e da produtividade. É preciso, sobretudo nas reuniões das EN, que a oração inicial seja realmente e em plenitude uma oração e não algumas fórmulas — é preciso que a leitura e o comentário bíblico deixem nos membros da reunião uma profunda marca de evangelismo — é preciso que o inquérito seja levado muito a sério, etc.

Reunião séria não significa entretanto, como já sublinhamos, tertúlia acadêmica, debate exegético ou teológico sobre filigranas de doutrina. O que é de suma importância nas reuniões é que haja um ponto prático, de ação. Cada um deles deve levar os casais um passo à frente no sentido de mais intensa espiritualidade e mais eficiente atividade missionária. Por aí se há-de medir a seriedade das reuniões: pelos progressos que elas estejam proporcionando aos casais e ao movimento na linha da espiritualidade e da ação apostólica.

Reunião séria não significa tão pouco uma assembléia sinistra, de rostos patibulares num ambiente funéreo. A seriedade é compatível (graças a Deus!) com o bom-humor e a alegria de viver e de trabalhar por uma causa entusiasmante. Haverá sempre meios de se ter uma reunião agradável, alegre e, ao mesmo tempo, disciplinada, bem conduzida, séria e apostolicamente rendosa. Gostaríamos de observar aqui que, sobretudo as reuniões preliminares, no início de um novo grupo, devem ser bem flexíveis. É preciso ter presente no espírito que, nesta fase, os casais se reúnem levados por preocupações ainda muito humanas: problemas conjugais ou de educação dos filhos, vontade de acertar seu casamento, procura de uma felicidade conjugal, quiçá periclitante... É indispensável que descubram um ambiente de família saudável, bem oxigenado, irradiante em uma palavra: feliz. Seria horrível que, a pretexto de seriedade, encontrassem um dogmatismo rígido e sêco, um moralismo negativo e derrotista, um clima opressivo nada conquistador e por isso mesmo nada apostólico. Dependerá muito do casal-responsável e do assistente unir seriedade e flexibilidade, alegria e produtividade da reunião.

b. algumas notas do espírito das EN

Falando do apostolado, dissemos que o primeiro dos apostolados de uma Equipe de Nazaré consiste nisto: que ela se torne uma verdadeira *comunidade cristã*. Observamos que uma comunidade cristã será a exemplo dos primeiros cristãos, tais como no-lo mostram os Atos dos Apóstolos, uma comunidade de fé (“Viviam juntos e tinham tudo em comum, eles que possuíam a mesma fé”), comunidade de oração (“Eram constantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, em comungar ao pão repartido, em rezar juntos”), comunidade de amor fraterno (“Vede como eles se amam”). Este tríplice aspecto da comunidade cristã é que deverá se incarnar, pouco a pouco em nossas equipes para que elas irradiem e ao mesmo tempo atraiam. Para isto deve tender a formação e a ação das EN. Para isto deve servir tudo nela — mesmo as reuniões.

Comunidade de fé. Temos no início das reuniões a leitura de um trecho das Escrituras. Pois bem, é preciso que nas EN não seja uma leitura apresada, mal entendida e mal assimilada. Ao contrário, que o evangelho lido e comentado (sem preocupação de alta exegese mas procurando as grandes linhas da revelação cristã) seja um caminho para o aprofundamento da equipe toda junta na fé. Não é necessário muito tempo. É necessário, isto sim, atenção e cuidado na escolha dos textos e na orientação que se imprimirá aos comentários. O ideal é que de reunião em reunião (e, é óbvio, as manhãs de formação e o trabalho pessoal completará o trabalho das reuniões) a equipe e cada casal perceba melhor as grandes linhas da mensagem evangélica — o anúncio do Reino de Deus, seu sentido suas exigências: as bem-aventuranças; a pobreza, simplicidade, espírito de infância; a primazia do espiritual; a paternidade de Deus, a graça, nossa filiação divina —, adira vitalmente a ela, inscreva-a em sua vida concreta, mais exatamente em sua vida matrimonial. Deve haver até a preocupação de que a equipe cresça junta na fé, pois para isso se reuniram vários casais em equipes. Não é bom que apenas um ou outro casal caminhe à frente abandonando os outros à própria sorte. “Eles tinham a mesma fé e viviam vida comum”, está escrito nos Atos dos Apóstolos.

Comunidade de oração. Temos também em nossas reuniões um momento de oração. É urgente aproveitá-lo para uma oração comunitária. Nada de rápidas invocações ou fórmulas. Pensar, a equipe, em conjunto e tender para uma oração real. A oração da comunidade cristã primitiva era feita de salmos, de cantos, de uma margem de silêncio, de uma meditação orante do chefe da casa. Com vontade de rezar e... um pouco de imaginação a equipe poderia criar no momento da oração, ao começar a reunião, uma verdadeira comunidade de oração. Mas que seja uma oração comunitária: nada de subjetivismos, nada de derramamentos emocionais que facilmente descambariam para o sentimentalismo. Não! procurar uma união da equipe com Aquele que disse estar presente onde dois ou mais se reunirem em seu Nome. Desta oração das reuniões se encaminharia a equipe e cada casal para um espírito de oração de mais a mais profundo e autêntico.

Comunidade de amor fraterno. O tema da reunião é um maravilhoso estimulante para a caridade, pois nos coloca em face de graves problemas da família. A própria reunião é um convite à caridade fraterna. Resta que, fora da reunião, na vida diária os casais da equipe cada vez mais se ajudem até nas pequenas necessidades de cada hora. Nos apêrtos financeiros, nos momentos de doença em casa, no cuidado dos filhos, a equipe deve sempre que puder prestar uns aos outros os humildes serviços do mistério da Visitação, ou da parábola do bom samaritano. “Vêde como eles se amam”, devia ser fácil aos casais pagãos dizerem isso dos casais de qualquer EN.

Estas observações se dirigem a todos aqueles que terão responsabilidade de grupos ou equipes no MFC. É este o ideal concreto, que não podemos rebaixar, do Movimento: a formação destas comunidades. Tudo mais, são meio para isto. Gostaríamos que nos dessem neste sentido testemunhos e depoimentos de suas EN.

FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA
GRÁFICA OLÍMPICA EDITORA
RIO DE JANEIRO
BRASIL

caráter de aprofundamento da espiritualidade conjugal das Equipes de Nossa Senhora e de outro, o caráter mais apostólico do Christian Family Movement — organizar um movimento que melhor correspondesse à realidade da América Latina. Em 1953, nasciam os grupos pioneiros do MOVIMIENTO FAMILIAR CRISTIANO, resumido em seu lema: “Nem espiritualidade conjugal sem apostolado, nem apostolado sem espiritualidade conjugal”. Conhecer cada vez mais o sacramento próprio dos casados, vivê-lo para serem felizes, levando em seguida esta felicidade aos que os cercam.

Dentro da linha de dinamismo interior e expansão, característica do Movimento, o MFC foi multiplicando suas equipes de casais, elaborando material de estudo e propaganda, organizando equipes de noivos e conferências para grande público, no Uruguai e além de suas fronteiras, espalhando-se por toda a América Latina, tendo chegado ao Brasil, por ocasião do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional.

Neste momento, o Pe. Richards e casais uruguaios entraram em contato com casais brasileiros, que já há algum tempo vinham promovendo reuniões em suas casas assistidos por um sacerdote, para debaterem assuntos relacionados com a família. Uns eram leitores do *Anneau d'Or*, outros pertenciam a movimentos de adultos. Dois anos de correspondência e remessa de material foram preparando o terreno para a organização entre nós do MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO.

Em 1957, animados por Dom José Távora e Dom Carlos Coelho aceitávamos o nome e os rumos gerais de MFC, sua mística e sua técnica.

Muito se fez nesses quatro anos. Cortamos o Brasil de norte a sul, conseguindo atingir cerca de mil e quinhentos casais. Trinta cidades se fizeram representar no I Encontro Nacional, realizado em julho do ano passado.

Participamos já de três reuniões inter-americanas: o I Encontro Latino-Americano, em julho de 1957, em Montevideo; as II Jornadas de Pastoral Familiar, ainda em Montevideo, em janeiro de 1959 e o II Encontro Latino-Americano, em junho de 1960, na cidade do México, onde recebeu o Brasil a honra insigne de ser escolhido para sede do III Encontro Latino-Americano, em 1963.

COM APROVAÇÃO ECLESIAÍSTICA

Capa de Ibsen Villaça